

Setor dos vinhos enfrenta novas adversidades

Do desafio climático, à diminuição do consumo e quebra de exportações, ao aumento de custos, até ao excesso de *stocks* que se tem verificado em algumas regiões, vários são os fatores de preocupação para o setor dos vinhos nacionais a que as empresas e agricultores independentes têm de responder para assegurarem a rentabilidade e viabilidade, em alguns casos. As soluções são complexas e as empresas comerciais têm maior capacidade de se adaptar, mas também têm mais obrigações para se articularem com o setor agrícola e, juntos, obterem melhores resultados. Um retrato em tempos de vindimas e uma projeção vinda de Espanha sobre o que o setor enfrenta a nível de alterações climáticas.

Textos **Clementina Fonseca** cfonseca@ccile.org, com **Belén Rodrigo** brodrigo@ccile.org Fotos **DR**

O verão e o início do outono nas plantações de vinha estão diferentes e, nos anos mais recentes a tendência é cada vez mais evidente: as vindimas estão a começar mais cedo, devido às alterações climáticas que já afetam o país. E não é só Portugal – também Espanha vive invernos mais amenos e mais dias do ano com temperaturas acima da média das últimas décadas, com consequências para a produção vinícola (ver caixa nas págs. 36/37).

A juntar a este grande desafio global, algumas adegas e comercializadores enfrentam um problema de excesso de *stocks* ligados a colheitas anteriores e de vinho importado (sobretudo tintos) – os viticultores apontam, deste modo, o dedo a importações de Espanha, do Chile e de outros países, a preços menores, já que nomeadamente pagam menos impostos ao Estado português. Nem todas as regiões estão a ser afetadas da mesma forma, sendo o caso mais agudo o do Douro, onde existem "centenas de pequenos produtores que podem não conseguir vender a sua produção este ano" às adegas e deixar mesmo as uvas por colher. O alerta partiu, ainda em julho, da Confederação Nacional da Agricultura (CNA) e da associação local Avadouriense, que alertaram para o excesso de vinho a granel comprado nos últimos anos por importadores e ainda não escoado. Razão pela qual temiam que as adegas restringissem a compra da uva deste ano aos viticultores. No entanto,

segundo admitiu recentemente Vítor Rodrigues, da Direção da CNA, esse cenário não se deve verificar, uma vez que as vindimas deste ano ficaram abaixo do esperado.

Também na Madeira poderá haver uma quebra significativa de produção, segundo uma das adegas contactadas pela "Actualidad€". "A ilha toda teve uma quebra na produção de uva em 25% este ano", refere o enólogo Ricardo Diogo Freitas, da Barbeito (ver foto na pág. 38), que produz vinho da Madeira.

Quebra de produção na vindima de 2024/25

Entretanto, deverão avançar os apoios da União Europeia para a quarta destilação de crise (nos últimos cinco anos), uma medida temporária de ajuda para combater o excesso de *stocks*, em que é enviado vinho para produção de álcool para fins industriais. Dos 15 milhões de euros disponíveis para este fim, 4,5 milhões destinam-se à região do Douro, sendo os outros 10,5 milhões destinados às restantes regiões nacionais.

Mas esta medida apenas ajuda os produtores de vinho e não os pequenos e médios agricultores, que são na prática os mais afetados, caso as adegas de facto comprem menos uvas para vinificar, este ano. Todavia, com a atual vindima a entrar na reta final, o cenário não é de excesso, mas sim de quebras significativas na produção de uvas, que pode chegar em algumas regiões aos 40%, muito acima, portanto, da diminuição prevista pelo Instituto da Vinha e do Vinho (IVV).

O aquecimento climático obriga, entre outras medidas, a uma maior monitorização do estado hídrico dos solos, enquanto a maturação mais rápida das uvas exige uma conceção mais célere dos vinhos a produzir

Exportações de vinhos baixaram para 928 milhões de euros no ano passado

Em 2023, as exportações de vinhos portugueses registaram um valor de 928 milhões de euros e um volume de 319 milhões de litros, indica a ViniPortugal- Associação Interprofissional do Vinho. Aquele valor representou uma quebra na ordem dos 1,3%, face ao recorde de 941 milhões registado em 2022, de acordo com a ViniPortugal.

A entidade responsável pela marca "Vinhos de Portugal/Wines of Portugal" salienta que o "preço médio dos vinhos portugueses mantém tendência de subida em 2023": verificou-se um aumento do preço médio por litro para 2,90 euros, o que representou mais 0,66% em relação a 2022.

Na vertente do valor das exportações, a União Europeia representou quase 407 milhões de euros (o que constitui uma

redução de 2,4% em valor), enquanto os países terceiros representaram 521 milhões (um decréscimo de 0,17% em valor). Em valor, França foi o mercado que mais importou vinhos portugueses (com 103 milhões de euros), seguido pelos Estados Unidos da América (100 milhões) e pelo Reino Unido (88 milhões). A ViniPortugal destaca o crescimento "exponencial" do mercado brasileiro para onde foram vendidos 80 milhões de euros de vinhos portugueses, ou seja, mais nove milhões do que em 2022, assim como o facto de Portugal ter "ultrapassado mais uma vez a Argentina" naquele país, ocupando o segundo lugar nas importações em volume.

Apesar dos dados abaixo do esperado, a ViniPortugal acrescenta que Portugal aumentou a

sua quota no mercado mundial de vinhos, já que os concorrentes tiveram quedas superiores. No entanto, faltou a meta de colocar as exportações no patamar dos mil milhões de euros.

"Como já tínhamos previsto, e em grande parte devido ao contexto mundial que estamos a viver, as exportações de vinhos portugueses tiveram uma ligeira quebra em 2023, contudo uma descida menor do que a esperada. O comércio mundial de vinhos caiu muito em 2023, por razões diversas (inflação, taxas de juro, aumento do custo de vida, duas guerras, instabilidade económica nas famílias, entre outros fatores), o que levou a que as nossas exportações tenham baixado", afirmou o presidente da ViniPortugal, Frederico Falcão, citado no comunicado desta entidade.

Frederico Falcão, presidente da ViniPortugal, que ressalta que a crise do setor se estende um pouco a todos os países produtores e não só a Portugal, salienta à "Actualidade" que a "destilação de crise ajudou a aliviar a pressão, mas não resolve a totalidade do problema, nem tão pouco é uma solução de futuro". Mesmo com esta ajuda de emergência, "será provável que alguns produtores venham a desistir da atividade", antecipa.

Entretanto, a resposta do Governo já surgiu, prevendo publicar, "com caráter de urgência", uma portaria para o lançamento de uma linha de crédito de apoio, "designada Linha de Tesouraria – Setor vinícola, com as taxas de juro assumidas pelo Orçamento do Estado, dirigida a cooperativas e empresas do setor que se dedicam à transformação de uva para vinho", de acordo

**Vasco Magalhães:
"As regiões mais
quentes (Douro e
Alentejo) são as
que enfrentam os
maiores desafios
no curto prazo,
enfrentando um
clima desértico,
que poderá
impossibilitar a
produção de uva"**

com um comunicado do Ministério da Agricultura e Pescas, de 22 de

setembro. "Esta é uma medida muito importante e que serve para apoiarmos os nossos viticultores. As cooperativas e as empresas só receberão através desta linha o montante equivalente aos pagamentos que fizerem aos produtores de uvas. A campanha de 2023 também é elegível o que permite a regularização de pagamentos em atraso aos produtores. Em simultâneo, as cooperativas e as empresas terão um alívio relativamente aos encargos de tesouraria resultantes dos montantes devidos aos produtores de uva", adianta o comunicado governamental. Os empréstimos, que têm, assim, uma bonificação de juros a 100%, são concedidos pelo prazo máximo de três anos.

O desafio climático

Mas além destas questões conjunturais, o setor enfrenta adversida-

des que poderão marcar de forma relevante o seu futuro. A questão das alterações climáticas e, em particular, o aquecimento global representa um risco global, que afeta já Portugal e, nomeadamente, a região do Douro, alerta Gilberto Igrejas. "A Região Demarcada do Douro também tem sido afetada, sendo, por isso, uma preocupação para o Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto (IVDP)". O presidente do IVDP salienta à "Actualidad€" que "a Região Demarcada do Douro (RDD) dispõe de características de paisagem e de diversidade de castas que podem ajudar a mitigar os efeitos destrutivos das alterações climáticas. Pelo facto de ser praticada uma viticultura de montanha, a geomorfologia e o relevo da região permitem que se consigam algumas estratégias de adaptação. Desde os primórdios, as vinhas na região do Douro estão instaladas em solos muito débeis, maioritariamente à base de xisto, com pouca matéria orgânica, solos com pouca capacidade de retenção da água". Mas esta não deixa de ser importante, sobretudo na primavera. "Vivemos uma seca meteorológica preocupante, situação que a consubstanciar alguma evolução negativa, levantará questões a médio e longo prazo, pois a escassez de água tem efeitos na planta em ciclos vegetativos posteriores", admite o responsável pelo IVDP.

"Todas estas condicionantes levam a que se tenha de repensar a viticultura face às alterações climáticas e se adotem soluções inovadoras", tendo, recentemente o IVDP incluído no seu "Hackathon Douro & Porto 2021" (uma iniciativa de natureza técnico-científica) um desafio intitulado "Método acessível e expedito de monitorização do estado hídrico da vinha". Este projeto permite "explorar as correlações entre os potenciais hídricos e diversos tipos de dados edafoclimáticos [relativos ao solo e ao clima], e outros, que permitam de alguma forma estimar o potencial

Portugal: referência mundial em estudo e conservação de castas autóctones e internacionais



É em Dois Portos, no concelho de Torres Vedras, que se encontra instalada uma das maiores coleções ampelográficas do mundo em termos de castas autóctones, constituindo a referência portuguesa na FAO-Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura. Nesta vinha, de dois hectares, estão plantadas videiras de todas as castas autóctones e das principais castas internacionais, uma coleção criada há mais de 30 anos.

A Coleção Ampelográfica Nacional, localizada no Polo de Inovação de Dois Portos, "é um banco de germoplasma para conservação das inúmeras variedades de videira autóctones, que outrora estive-

ram em risco de extinção e que hoje se encontram salvaguardadas e acessíveis a todos os setores da vitivinicultura", enquadra o INIAV, no seu *site*.

É a coleção de referência que suporta o Catálogo Nacional de Variedades de Videira (CNVV), publicado pela DGAV (Direção-Geral de Alimentação e Veterinária), e também a lista de castas de uvas aptas à produção de vinho em Portugal, da responsabilidade do IVV. Nesta coleção, têm sido desenvolvidos numerosos trabalhos de identificação, recorrendo a caracteres morfológicos e a marcadores moleculares, e de caracterização de variedades de videira, ao nível agronómico e enológico.

hídrico em determinada exploração", adianta Gilberto Igrejas.

"Neste projeto, foram adiantadas soluções que passaram pela recolha de informações acerca de solos, feita a caracterizações de vinhas, compilados históricos de dados meteorológicos e avaliado o acesso a rede de estações meteorológicas, levantados históricos de potenciais hídricos, estabelecido o acesso a dados de sondas de humidade, a dados de satélite e a dados de voos com drones. Será, seguramente, o caminho a seguir-se nesta luta inexorável contra os efeitos das alterações climáticas: aplicar-se ciência, racionalizarem-se procedimentos, provocar-se mudança de práticas", antecipa o especialista.

Uma vez que a disponibilidade

hídrica de superfície e subterrânea em Portugal continental varia muito, ao longo do ano, Gilberto Igrejas defende o armazenamento durante os períodos de abundância.

Todavia, é preciso "ter presente que os recursos hídricos são limitados e, por isso, torna-se necessário protegê-los e conservá-los. A RDD tem que, no seu próprio interesse, defender a aplicação de procedimentos que permitam atingir os objetivos previstos na Lei da Água. Assim, interessará, sobremaneira, promover uma utilização sustentável de água, baseada numa proteção a longo prazo dos recursos hídricos disponíveis", frisa à "Actualidad€".

No mesmo sentido, refere Frederico Falcão que "tem sido comum, em algumas zonas do país, ter ondas de

Efectos de las alteraciones climáticas en los vinos españoles

“Alrededor del 90% de las regiones vinícolas tradicionales en las regiones costeras y bajas de España, Italia, Grecia y el Sur de California podrían estar en riesgo de desaparecer para finales de siglo, debido a la sequía excesiva y a las olas de calor más frecuentes con el cambio climático”. Esta es una de las conclusiones de un amplio estudio científico publicado por la revista "Nature" sobre “Los impactos del cambio climático y las adaptaciones de la producción de vino”, bajo la coordinación principal del investigador y profesor de Viticultura de la Universidad de Burdeos, Cornelis van Leeuwen, en el que se revisan las consecuencias de los cambios de temperatura, precipitaciones, humedad, radiación y CO2 de los últimos 15 años en la producción mundial de vino y se exploran estrategias de adaptación.

La investigación recoge que “las temperaturas más altas hacen avanzar la fenología (etapas principales del ciclo de crecimiento), desplazando la maduración de la uva a una parte más cálida del verano. En la mayoría de las regiones vitivinícolas del mundo, las cosechas de uva se han adelantado entre 2 y 3 semanas en los últimos 40 años. Las modificaciones resultantes en la composición de la uva en el momento de la cosecha cambian la calidad y el estilo del vino”. En referencia a Europa, el estudio indica que se espera un desplazamiento

de las regiones adecuadas para la producción del vino hacia latitudes y altitudes más elevadas. “Con niveles bajos de calentamiento global, la mayoría de las regiones productoras tradicionales de vino mantendrán su idoneidad, aunque dependiendo de la implementación de medidas de adaptación, especialmente en el sur de Europa. En escenarios de calentamiento más severos, la mayoría de las regiones mediterráneas podrían volverse climáticamente inadecuadas para la producción de vino, y los viñedos por debajo de los 45°N podrían verse tan amenazados que la única adaptación factible sería reubicarse en altitudes más altas”, puede leerse en el artículo.

Vicente Sotés, doctor ingeniero agrónomo y catedrático emérito de Viticultura de la Universidad Politécnica de Madrid (UPM), indica como efecto más visible del cambio climático en los vinos la “alteración de las condiciones en que se desarrolla el ciclo vegetativo y productivo de la viña y afecta, en mayor o menor medida, a la mayoría de las regiones vitivinícolas mundiales, y españolas en particular”. Ante un clima nuevo los productores deben afrontar unas estrategias de producción adaptadas a esa situación y que sean asimiladas por la sociedad y los consumidores. Recuerda que estas alteraciones afectan a todos los factores climáticos: temperaturas (olas de calor, olas de frío, heladas..),

lluvias (distribución, olas de sequía, gotas frías, tormentas, inundaciones, subida nivel del mar...), efectos sobre el suelo (erosión, salinización y pérdida del suelo). “También implica una alteración del ciclo vegetativo y calidad del vino: aumenta la variabilidad de las añadas. Y plantea unas incertidumbres sobre los resultados finales de rendimientos, tipicidad de los productos y rentabilidad a los viticultores”, subraya el catedrático. El riesgo en los viñedos mediterráneos, que suponen un 40% de la superficie mundial de viñedo es especialmente grave, con una enorme variabilidad y extremos: sequía, estreses térmicos, tormentas a finales de primavera y otoño, “y fundamentalmente con un sistema tradicional de producción en secano y variedades isohídricas (ahorradoras de agua), cultivadas con bajo desarrollo vegetativo, y con nuevos enfoques hacia sistemas de producción con demanda hídrica más alta.”, puntualiza.

Este gran conocedor de la viticultura considera importante incrementar la sensibilidad en el sector y desarrollar “estrategias globales para soluciones locales”. El futuro del vino pasa por apostar por I+D, innovar en relación a la tradición, adecuar las normativas DOPs y “nunca adaptación sin conocimiento y sensibilización”.

Zonas más afectadas

Por su parte, Pilar Baeza, profesora

calor intensas que afetam as uvas e as próprias vinhas. Também a escassez de água se está a tornar muito preocupante em algumas regiões do país”, adianta o presidente da ViniPortugal.

Os especialistas e investigadores têm procurado soluções visando a melhor adaptação das castas à mudança climática, já que Portugal e os países da Bacia do Mediterrâneo são particu-

larmente afetados – e, em concreto, o sul de Portugal ainda mais do que o norte, como explicou à "Actualidade" Sara Canas, coordenadora do Polo de Inovação de Dois Portos-Estação Vitivinícola Nacional, pertencente ao Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária (INIAV). Este núcleo de investigação aplicada está diretamente ligado à viticultura e eno-

logia a nível nacional, centrando-se em Torres Vedras por ser a região com maior produção de vinho, em volume, em Portugal. Este Polo de Inovação, que representa uma interface entre a academia e os produtores, com o objetivo nomeadamente de permitir a transferência de conhecimento, liderou, entre 2017 e 2023, o projeto de investigação Wine ClimAdapt, des-

de Viticultura de la UPM, indica que hay algunas situaciones en las que no está afectando al vino español las alteraciones climáticas ya que “al estar en un país en el que gran parte del viñedo ya está en la zona cálida y muy cálida, el hecho de que haga más calor no modifica el resultado. La planta ya está saturada de calor antes de haberse producido el cambio climático. Sin embargo, en las zonas que eran frescas y han pasado a cálidas, “el calentamiento global está afectando al tipo de vino. Por ejemplo, la acumulación de color en la baya durante la maduración es menor, la acidez total disminuye, el PH sube, se acorta la vida de los vinos para su envejecimiento”, explica la docente. A la hora de hablar de las zonas más afectadas, Baeza explica que son aquellas que eran frescas y ahora son cálidas. “El cambio de zona a la que pertenece puede suponer que se modifique la aptitud vitícola del medio. En algún caso puede suponer que donde se producían blancos, frescos y aromáticos ahora se pueden producir vinos tintos”, pone como ejemplo. No obstante, en los casos en los que se producían vinos tintos con mucho cuerpo y estructura, aptos para un largo añejamiento, ahora sean más ligeros y de vida más corta”, añade.

A la hora de buscar soluciones para que no afecte a la calidad del vino, Baeza explica que las técnicas de cultivo pueden atenuar, en parte, los



efectos del calentamiento global. “Por ejemplo se puede disminuir los efectos de las altas temperaturas modificando la forma de las cepas empleando formas en las que los sarmientos adopten un porte libre y semidescendente de modo que protejan del exceso de luz y temperatura a los racimos”, resalta. En el caso del riego, se puede incrementar la carga para retrasar la maduración y que ésta coincida con fechas más tardías, con temperaturas más bajas que favorezcan la acumulación de antocianos (color) y que no se degraden los ácidos.

La profesora de la UPM asegura que hace ya mucho tiempo que se están tomando medidas para resolver o al menos reducir las consecuencias de estas alteraciones climáticas en los vinos. Entre ellas, en el riego, formas de conducción libres, incremento de car-

ga, plantaciones en zonas más altas, plantaciones buscando exposición norte, etc...”Puede ser que seamos conscientes pero a veces la solución no está en manos de nosotros”, se lamenta. Propone replantarse el tema de uso de nuevas variedades en España para que se pudiesen cultivar otras cuyas características fuesen complementarias con las de las variedades que tradicionalmente se cultivan en suelo español. “No hay necesidad de buscar una única variedad que satisfaga todas las exigencias que demanda el consumidor en un vino. Tradicionalmente los vinos finales eran el resultado de un coupage de variedades en el que cada una aporta lo mejor de sí misma: acidez, estructura, color, aroma, etc... no todas participando en la misma medida”.

Belén Rodrigo

tinado a investigar os impactos das alterações climáticas na adaptação, sustentabilidade e rentabilidade de determinadas castas, para identificar as melhor adaptadas em termos agronómicos e enológicos às novas condições climáticas previstas para as próximas décadas.

O estudo envolveu ainda a Associação Nacional de Viveiristas

Vitícolas e as empresas Herdade do Esporão e Viveiros Plansel. Na Herdade do Esporão, o parceiro-âncora do projeto e onde existe uma coleção ampelográfica com as diversas castas cultivadas em Portugal, foram colhidas as uvas e seguidamente vinificadas na adega experimental do Polo de Inovação de Dois Portos. Assim, foi possível estudar as castas melhor

adaptadas, para que os viticultores e enólogos saibam em quais apostar e como se comportam, quer em termos agronómicos quer enológicos, explica Sara Canas. Com temperaturas excessivas, as videiras podem produzir menos, deixar de produzir ou mesmo morrer. O estudo envolveu ainda toda a análise dos vinhos produzidos no projeto, quer a nível físico-químico



quer sensorial. Concluiu-se que, efetivamente, diferentes castas apresentam adaptação diferencial às novas condições climáticas, o que se reflete também na qualidade dos vinhos obtidos, adianta a investigadora coordenadora.

Sara Canas não tem dúvidas de que os fenómenos atmosféricos extremos (seca, granizo fora da época...), assim como as oscilações de temperatura, estão já a "afetar o ciclo vegetativo [das videiras] e a contribuir para o aparecimento de novas pragas", que irão afetar ainda mais a produção vitícola em Portugal. "Têm que ser selecionadas castas com ciclos mais longos e abrolhamento mais tardio".

Quanto à questão das novas pragas, a investigadora defende "a investigação em torno das castas resistentes", para verificar o seu comportamento e se os vinhos resultantes mantêm as características das variedades de videiras europeias. Um tema algo polémico no setor vitivinícola, mas cuja abordagem é fundamental para assegurar a sobrevivência da vinha, sobretudo no sul de Portugal, remata Sara Canas.

"A vinha está a subir em latitude", conclui a investigadora, aludindo às condições favoráveis que se estão a verificar no centro-norte da Europa.

Frederico Falcão aponta algumas soluções: "no Alentejo, por exemplo, tem havido alguma pressão para o

alargamento do perímetro de rega do Alqueva. Ainda assim, a medida que nos parece que irá tomar maiores proporções é a plantação de vinhas em zonas mais frescas e em zonas de maior altitude e o abandono de vinhas em zonas de extremos climáticos frequentes ou de falta de pluviosidade. Também temos conhecimento de condução de vinha de forma mais baixa, para diminuir a pressão de utilização da água dos solos".

Vasco Magalhães, diretor do curso Wine Business Management, da Porto Business School (PBS), comenta que "é inegável que as alterações climáticas estão, de facto, a impactar o setor vitivinícola. Não só na questão da seca, mas também com o aumento das temperatura médias, que impactam o ciclo da videira, levando a que, em muitos casos, a vindima esteja a ser feita muito antes do que era comum. As regiões mais quentes (Douro e Alentejo) são as que enfrentam os maiores desafios no curto prazo, enfrentando um clima desértico, que poderá impossibilitar a produção de uva. Numa outra perspetiva, as alterações climáticas estão a tornar possível a produção de uva de qualidade em zonas (mais frias) que nunca tiveram a tradição da produção de uva e vinho. Atualmente, vemos países como Inglaterra a desenvolver

a sua produção de vinhos espumantes de qualidade atraindo até a atenção e investimento das grandes casas de champanhe para o sul daquele país. Inglaterra não está isolada neste fenómeno: países improváveis, como a Dinamarca, Suécia ou Bélgica e Luxemburgo (estes dois já com alguma tradição no setor), começam também a desenvolver projetos nesta área", enquadra o especialista, que é igualmente consultor na The Wine Office.

Pouco otimista, adianta: "acredito que poderemos ter algumas situações em que a irreversibilidade é o cenário mais provável e nas restantes teremos de procurar formas de cultivo mais sustentáveis, promover a biodiversidade, combater a erosão e degradação dos solos, entre outras estratégias que promovam uma maior defesa do ecossistema e da planta em si. A utilização de castas com melhor adaptabilidade a climas mais quentes, mudanças na viticultura aplicada em determinadas zonas e a adaptação das intervenções na vinha às novas condições climáticas e *timings*, poderão ajudar a mitigar este fenómeno. Mais uma vez, a necessidade de adaptação a estes fenómenos irá trazer mudanças aos vinhos produzidos nas diferentes regiões alterando o seu perfil e, em muitos casos, trazer para o mercado vinhos que até aqui seriam impensáveis de associar ao estilo tradicional de algumas regiões". "O caso da migração da Touriga Nacional e do Alvarinho para a região de Bordéus será a mais emblemática, pelo impacto que tem numa região com forte peso no panorama internacional e cujas castas se tornaram famosas um pouco por todo o mundo".

Para João Roquette Ribeiro, Export manager da Quinta do Vallado (ver fotos nas págs. 4, 39 e 40), o fenómeno das alterações climáticas já se sentiu no Douro, sobretudo no último ano, com "instabilidade e picos de calor muito longos". Tal situação "traz muitos desafios" ao setor vinícola, conclui João Roquette Ribeiro, que



alerta para a necessidade de se fazer uma gestão mais racional da água na região e no país, quer a nível do uso da água pelos agricultores quer por providências a nível institucional. "Este ano não se notou" a seca, mas o gestor não tem dúvidas de que este "é um problema a olhar melhor no futuro", por parte dos governos de Portugal e de Espanha.

Este produtor duriense, que recorre a sistemas de irrigação próprios, nota, assim, que "as vindimas têm começado mais cedo... chega a ser na primeira semana de agosto", refere o gestor da Quinta do Vallado, que espera uma "colheita bastante proveitosa este ano". O produtor engarrafa e comercializa vinho tinto, branco, rosé e vinho do Porto.

Também a Barbeito, mas na Região Autónoma da Madeira, regista que "a cada ano que passa, principalmente nos últimos três anos, as vindimas estão a começar mais cedo. Este ano, começámos a 9 de agosto" e terminou-se ainda na primeira metade de setembro, indica Ricardo Diogo Freitas. As vindimas "começam mais cedo e são mais curtas", o que introduz a dificuldade de "dar menos tempo para pensar o vinho, e pode não haver tempo para concre-

tizar o que se pensou", frisa o enólogo da Barbeito. Por outro lado, quer "as produções, quer a quantidade e a qualidade podem ser fortemente afetados com as temperaturas mais elevadas. Na Madeira, as vinhas no inverno precisam de adormecimento e não tem havido frio suficiente, o que se reflete nas quantidades e no rebentamento irregular".

Uma das soluções pode passar por "fazer podas mais cedo", além de se adaptar a gestão das "vinhas a cada microclima", em cada cidade onde a adega tiver vinhas.

A região não tem excesso de *stocks*, adianta este especialista.

Com a quebra de 25% na colheita deste ano, a Barbeito espera que os vinhos tenham "uma ótima qualidade em todas as castas". Além de vinhos licorosos, a Barbeito tem também um "pequeno projeto para produzir este ano vinhos tranquilos", a partir de quatro castas. Atualmente, compram a produção de uva a quase uma centena de viticultores e produzem cerca de 240 mil a 250 mil garrafas anualmente, exportando 80% da produção. Alemanha, Espanha, Bélgica, EUA e Japão são os principais mercados externos.

Aumento de custos, redução de consumo e outros constrangimentos

Questionado sobre os grandes desafios para o setor vinícola português, Gilberto Igrejas resume: "para além das alterações climáticas e da redução do consumo a nível global, a falta de mão de obra e o aumento dos custos de contexto, sem reflexo no aumento do valor da uva e/ ou na comercialização do vinho, são outros desafios que é decisivo ultrapassar para garantir a sustentabilidade do setor" em geral.

Relativamente ao alegado excesso de *stocks* de vinho na região, Gilberto Igrejas reconhece que nos anos mais recentes, "e em consequência da pandemia, das diversas guerras e ainda do cenário inflacionista houve um abrandamento na comercialização, em particular nas exportações, o que teve como consequência imediata um aumento dos *stocks*. Acresce a este facto a dimensão da RDD, uma viticultura de montanha com custos culturais muito superiores aos da maioria das regiões vitícolas do mundo, possuir uma Denominação de Origem Protegida, um vinho fortificado, secular e internacional, o Porto; e uma DOP mais 'jovem', o Douro, com uma menor implantação internacional com uma base de com-



petição mais alargada".

"O Conselho Interprofissional do IVDP tem vindo, em grupos de trabalho setoriais, a desenvolver análises e proposto medidas para minimizar o efeito do decréscimo mundial do consumo de vinho". Entre as medidas analisadas, nos últimos dois anos de trabalho deste órgão do IVDP, "destaca-se o trabalho produzido sobre a revisão do Estatuto das Denominações de Origem Protegidas (DOP) e Indicação Geográfica Protegida (IGP) da RDD. Este grupo reuniu-se diversas vezes tendo proposto um novo diploma para discussão e aprovação no Conselho Interprofissional do IVDP, sublinhando-se o fim do *stock* mínimo para a DOP Porto, a possibilidade de reconhecimento do Conselho Interprofissional como agrupamento de produtores, o aumento da proteção das DOP/IGP da RDD, o estabelecimento de regras sobre a densidade de plantação, a regulação do rendimento por hectare na RDD, a alteração do título alcoométrico adquirido das DOP da RDD,

maior controlo na coexistência na RDD de vinhos sem direito a DOP/IGP", enumera Gilberto Igrejas.

Quanto à questão das limitações à plantação de vinha na RDD, esclarece que "foram adotadas práticas de regulação da produtividade por hectare. Como possibilidades adicionais o Conselho Interprofissional irá avaliar a hipótese de substituição da vinha em áreas marginais por outras culturas que não comprometam a inscrição do Alto Douro Vinhateiro na lista de património da UNESCO e a integração de aguardente no Porto proveniente da destilação de vinhos da RDD assegurando a sustentabilidade

social, económica e ambiental. Finalmente, reiterar a valorização das DOP na Região Demarcada do Douro através de um plano de promoção e proteção plurianual integrado com um quadro de investimento robusto".

Relativamente a outra das queixas dos agricultores ligados à produção de Vinho do Porto, de que tem sido reduzido o "benefício", ou seja, a quantidade de mosto que cada produtor pode destinar à produção de vinho do Porto, o IVDP esclarece que "a redução da autorização de produtividade por hectare ('benefício') espelha a evolução negativa nas vendas de vinho do Porto, sendo que a sustentabilidade social e económica da região esteve na base dessa redução, visando essencialmente promover a justa remuneração dos viticultores, contribuindo para assegurar as receitas do setor".

A destilação de vinho "apoia toda a fileira vitivinícola, porquanto permite aos comerciantes retirar do *stock* algumas quantidades de vinhos DOP Douro de anos anteriores e repor

por compra de uvas aos viticultores. Desta forma, aumenta-se a economia da região e o potencial incremento de compradores para a produção", assegura Gilberto Igrejas.

Por outro lado, o IVDP garante que "a qualidade dos vinhos DOP Douro tem sido assegurada por todo o processo de gestão da Denominação de Origem, que abrange o controlo das parcelas até à colocação no mercado, passando por todo o processo rigoroso de certificação e contas correntes. O baixo rendimento por hectare reforça, ainda, a garantia de que de facto não existe qualquer "branqueamento" dos vinhos e das uvas da Região do Douro por produtos de outras origens". "Contudo é importante salientar que, para os consumidores mais exigentes, o negócio de vinho sem DOP não tem competição com o comércio dos vinhos com DOP/IGP, em virtude de estes serem produtos certificados e, portanto, de melhor qualidade".

Dificuldades de escoamento da produção nacional

Do lado dos produtores agrícolas, frisa-se que nunca foi posta em causa a qualidade final dos vinhos DOP devido às importações e que o "mercado é livre" de importar, mas sim que essas importações de vinho a granel e de aguardentes (para o vinho do Porto) estão a "desvalorizar as uvas do Douro". "Seria preferível usar da própria região – assim, seria mitigada a crise", comenta à "Actualidade" Vítor Rodrigues. "A crise está particularmente no Douro [face a outras regiões], por um conjunto de fatores, principalmente o fator do excesso de *stocks*", mas também pelo facto do preço das uvas "ser o mesmo há 25 anos", entre outros elementos "a agravarem-se na produção". Salienta, nomeadamente o "desequilíbrio entre a produção de uva" e o setor da transformação de vinho, com uma forte concentração de transformadores/exportadores com força para contro-

lar os preços, tanto no vinho do Porto como nos do Douro.

No caso do primeiro, o corte do "benefício" pode pôr em causa "a viabilidade de centenas ou milhares de produtores". Vítor Herdeiro, presidente da Avidouro-Associação dos Viticultores e da Agricultura Familiar Douricense, contabiliza mesmo estas perdas em cerca de 35 milhões de euros (com o "benefício" dado apenas para 90 mil pipas de mosto destinado à produção de vinho do Porto).

Vítor Herdeiro fala mesmo numa "catástrofe social" e no "princípio do fim do vinho do Porto".

Aquela que "é a região mais forte do mundo em qualidade", no entender da Avadouricense, poderia ter ainda outras produções, como champanhe, o qual, todavia, está apenas reservado a uma determinada região de França. Isto embora outros países tenham autorização para produzir "vinho do Porto" ou com designações referentes a este produto, lamenta Vítor Herdeiro.

Durante a realização da reportagem, estavam a terminar as vindimas de uva branca no Douro, que "não correram mal", segundo Vítor Herdeiro, mas faltava ver como se processaria o escoamento das castas tintas, para ver novas formas de protesto, rematou o responsável, que esteve ligado à CNA nas últimas ações de reivindicação de medidas de apoio urgentes do Governo ao setor (ver "Editorial" na pág. 4).

Do lado dos produtores de vinho, João Roquette Ribeiro reconhece as dificuldades dos viticultores locais face ao atual momento de excesso de *stocks* no mercado e a algumas "regras da RDD que não valorizam as uvas, os pequenos produtores e a qualidade" ali produzida. Mas, salienta, o "caminho passa pela valorização das vinhas; no nosso caso, 55% são de produção biológica", o que garante vinhas mais saudáveis e que protege" a produção em épocas de sol ou chuva muito intensa, enquadra o Export

manager da Quinta do Vallado.

Para já, esta exploração, além da sua própria vinha, está a comprar uvas também aos viticultores locais.

Quanto à questão do consumo, João Roquette Ribeiro considera que este tem quebrado sobretudo em termos externos, já que a nível interno "é estável, graças ao turismo". Por isso, a Quinta do Vallado tem apostado também no enoturismo, em duas unidades hoteleiras, uma na Régua e outra em Foz Côa, negócio que se tem revelado muito rentável.

Deste modo, a empresa compensa algumas quebras que tem tido nas exportações (que valem 50% da faturação), refletindo desde logo as novas

Para o setor da comercialização, Gilberto Igrejas defende uma "aposta nos produtos premium", que "trazem maior valor acrescentado. As marcas têm de ser criativas, investir em marketing, principalmente digital, ter capacidade de inovação"

tendências de restrição ao consumo de álcool em alguns países e o facto das gerações mais novas beberem menos vinho, em detrimento de outras bebidas alcoólicas. Os principais mercados de exportação da Quinta do Vallado são os EUA e Brasil, e, em geral, a Europa.

Já a Barbeito quer "apostar nos vinhos de maior qualidade e, dentro dos licorosos, nos que sejam mais fáceis de abranger gerações mais novas", antecipa Ricardo Diogo Freitas.

A aposta em produtos mais selecionados

"Os novos hábitos de consumo e os lobis anti-álcool têm contribuído de forma significativa para o decréscimo de vendas de vinho a nível global. É por isso um dos desafios mais importantes conseguir que a ciência apoie a ideia de que o vinho, consumido com moderação, pode fazer parte de uma dieta e de um estilo de vida saudáveis". Gilberto Igrejas propõe, assim: uma "aposta nos produtos *premium*, dadas que são estas as categorias que trazem maior valor acrescentado. As marcas têm de ser criativas, investir em marketing, principalmente digital, ter capacidade de inovação apresentando novos produtos sem negar a tradição, como é o caso das novas categorias *premium* Porto 50 anos e os *Very Very Old* que refletem a inovação e a modernidade no vinho do Porto". Quanto às campanhas publicitárias, "é, igualmente, necessário rejuvenescer a base de consumidores com campanhas de comunicação direcionadas a esse *target*, criando novos momentos de consumo como é o caso dos *cocktails* com vinho do Porto. O consumidor está cada vez mais exigente, quer conhecer a história e origem dos produtos e valoriza a sustentabilidade. É estratégico comunicar as marcas Porto e Douro reivindicando o seu carácter incomparável. Dar ênfase ao conceito de *terroir*, reivindicando a paisagem incomparável do Douro Vinhateiro e as suas potencialidades enquanto destino enoturístico". Preconiza ainda que as marcas evidenciem "a identidade e os fatores de diferenciação", em termos do "seu real valor, excelência e qualidade".

Em 2023 o volume de negócios relativo aos vinhos da região com DOP/IGP totalizou 618 milhões de euros (incluindo o recorde de 230 milhões de euros relativos à comercialização de Douro).

"Em 2024, até ao final do mês de julho, o volume de negócios situa-se em 313 milhões de euros. De notar



que a evolução negativa das vendas de Porto no presente ano se agudizou em junho/julho, porque nestes dois meses de 2023 se verificou um aumento significativo na importação de Porto por parte do Reino Unido, em antecipação à entrada em vigor nesse mercado, em 1 de agosto de 2023, do aumento das taxas fiscais aplicadas às bebidas alcoólicas, aumento esse particularmente penalizador para os vinhos fortificados", acrescenta o IVDP.

Sobre as dificuldades sentidas pelos viticultores do Douro, o consultor Vasco Magalhães defende: "tem de haver um grande consenso entre os produtores, agentes económicos e autoridades de forma a proteger o pequeno e médio produtor e, ao mesmo tempo, criar estratégias e mecanismos que promovam a valorização da matéria-prima. A produção de uva no Douro é das mais dispendiosas e difíceis do mundo, não há razão nenhuma para tenhamos vinho a sair para o mercado abaixo de dois euros. Se calhar, há decisões difíceis a tomar, mas que no médio/ longo prazo serão benéficas para todos", considera o consultor e professor universitário.

Já para a generalidade dos produtores portugueses, Frederico Falcão aponta também caminhos: "a nível da comercialização, é urgente agilizar as verbas disponíveis para a promoção

dos vinhos. Também seria importante que os vinhos importados pagassem taxa, à semelhança dos vinhos produzidos em Portugal. Trata-se de uma concorrência desleal, que estimula a importação de vinhos ao invés da sua produção em Portugal. O reforço da promoção em países onde possamos ter mais sucesso com vendas é outro dos caminhos a seguir. Por essa razão, a ViniPortugal reformulou o seu Plano Estratégico, com a ambição de aumentar as exportações nacionais de vinho".

Também Vasco Magalhães traça um retrato algo sombrio sobre a situação dos produtores portugueses, que têm "enfrentado bastantes desafios nos últimos anos", seja "o decréscimo de consumo de vinho nos países ocidentais desde o início do milénio", até às crises financeiras, do covid e, mais recentemente, das guerras às portas da Europa e no Médio Oriente. "A mão de obra tem também sido um desafio, sobretudo no que toca à viticultura, e não podemos deixar de falar na concorrência de novos *players* no mercado, a nível nacional e internacional. A nível produtivo, teremos de encontrar soluções tecnológicas e mecânicas que nos permitam fazer os trabalhos da vinha e, ao mesmo tempo, procurar que os trabalhos em que a mão humana é indispensável sejam devidamente valorizados e que, assim, se consiga

atrair mais pessoas. Quanto à comercialização, os produtores terão de perceber que a exigência do mercado será cada vez maior e que a especialização e foco em produtos de qualidade e num trabalho comercial e de comunicação será essencial para conseguir sobreviver", preconiza ainda.

"Enquanto não percebermos que o negócio engloba muito mais do que produzir uvas que depois vão produzir vinho, vamos continuar a cair nestas situações em que ninguém sabe muito bem o que está a acontecer e por que razão as adegas estão cheias e a uva fica na vinha. É preciso saber criar valor, olhar para os muitos e bons exemplos que já temos em Portugal e também por esse mundo fora. Especializar, ter um plano, envolver a viticultura e a produção numa visão de marketing e comunicação que procure os pontos fortes de cada um e crie valor não só para si, mas para todo o setor", desafia Vasco Magalhães. E remata: "quem compra vinho (distribuidores, restaurantes, supermercados, importadores) está cada vez mais conhecedor e especializado. Podemos procurar os mercados todos, apostar na tecnologia (e bem) mas se estruturalmente o projeto não estiver bem feito, o resultado não será o desejado. Isto vale para quem quer vender vinhos baratos e para quem quer vender vinhos caros, é igual". ■